

Anofelinas de Porto Alegre *)

Homenagem ao Centenario de Finlay

por

R. di Primio

No dia em que a Sociedade de Medicina de Porto Alegre comemora o centenario de Finlay, quero contribuir, ainda que com particula insignificante de esforço pessoal, para essa homenagem, promovida pelo illustre presidente da casa, o prof. Tomás Mariante, notavel animador cientifico do ano.

A teoria de Finlay deu origem a numerosas campanhas profiláticas, cujo ponto de partida foi a de transmissão do mal amarellico pelo "*Aedes egypti*".

Os trabalhos de Finlay suscitaram adeptos fervorosos.

Tão depressa foi aventada a hipótese da transmissão da febre amarela por um hospedador intermediario, já os homens de ciencia em todo o mundo movimentaram-se ativamente em torno do surpreendente fáto epidemiologico.

Tambem, no Brasil as mais variadas experiencias foram feitas, não faltando mesmo experimentadores que se fizeram inocular por mosquitos infectados, pagando com a própria vida, em holocausto á ciencia, a confirmação da nova teoria de transmissibilidade.

Antecedendo Finlay, em 1853 *Beauperthuy* apresentou um trabalho ao governo de Venezuelas apontando o mosquito de pernas rajadas como o possivel transmissor da febre amarela, o que, aliás, já tinha sido suspeitado por Nott (1848) e posteriormente por outros autores.

Em 14 de Agosto de 1881, na Real Academia de Ciencias Medicas de Havana, Carlos Finlay expôs de modo positivo a teoria de transmissão da febre amarela pelo *Stegomyia aegypti*.

Das diversas observações que o levaram, então, á sua teoria, terminou em experimentar *in anima nobili*.

Com mosquitos infetados em amarelentos e decorridos 4 a 5 dias, foram picados 24 individuos: 11 contrairam a doença, dos quais um faleceu; outros 11 nada de anormal tiveram e de dois faltam noticias.

E' necessario salientar que 4 anos depois de Finlay ter lançado a sua teoria, o Dr. Utinguassú, em sessão de 28 de Outubro de 1885, da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro, já acentuava o papel do mosquito na disseminação da febre amarela, condenando o combate ás moseas e ás desinfecções então empregadas.

A comissão americana em Cuba, composta de Reed, Carrol, Agramonte e Lazear, em Junho de 1900, iniciou os trabalhos proximo á Ha-

*) Trabalho lido na Sociedade de Medicina de Porto Alegre, em 15-12-933.

vana. De 11 pessoas que se deixaram picar por mosquitos infetados, 2 contrairam a doença.

No decurso de varias experimentações morreu W. Lazear e Carrol teve uma infecção amarilica gravissima.

Em 1903, no Estado de São Paulo, o saudoso Emilio Ribas, Diretor do Serviço Sanitario, Adolfo Lutz, então diretor do Instituto Bacteriologico, Pereira Barreto, Julio de Barros, Silva Rodrigues demonstraram a transmissão da febre amarela pelo *Stegomyia egypti*.

Por esta ocasião deixaram-se picar por mosquitos infetados, Emilio Ribas, Lutz, Oscar Marques Moreira, Domingos Pereira Vaz, Januario Fiori e Andre Ramos, sendo que, os tres ultimos contrairam a febre amarela.

E' preciso assinalar as experiencias de transmissão, imunidade e outras efetuadas pela Comissão franceza, composta dos cientistas Marchoux, Salimbeni e Simond.

No terreno pratico, ficou amplamente evidenciada e resolvida em toda a linha a profilaxia do tifo icterode em Cuba, terra do imortal Finlay.

Pouco tempo depois, Oswaldo Cruz, applicando os mesmos métodos adotados em Cuba, vencia, em condições excepcionais, uma das maiores campanhas profilaticas, a erradicação da febre amarela no Rio de Janeiro, e, posteriormente, em outros pontos do norte do país: Manaus e Belém.

A nova investida de dominio da febre amarela na Capital Federal (1928—1929) foi prontamente jugulada por Clementino Fraga.

A sessão desta noite homenagea o centenario de Finlay e implicitamente todos que, apoiados em sua teoria, conquistaram as maiores glorias sanitarias, principalmente em todo o continente americano — do Alaska á Patagonia: o saneamento de Havana, por Gorgas; no Panamá, por Gorgas e Carter, e no Brasil, Oswaldo Cruz e Clementino Fraga, ao lado de devotados tecnicos; a todos os cientistas, cujas experiencias colaboraram para o bem da humanidade na luta contra o mal amarilico: Beaurepaire Aragão, Marques da Cunha, Julio Muniz, Lemos Monteiro, José Teixeira, Gomes de Faria, Costa Lima, Amadeu Fialho, Davis, Shannon, Hudson, Bauer, Guiteras, Mathis, Sellards, Saigret e outros cientistas.

Que essa homenagem envolva profunda e religiosamente os grandes herois da ciencia que não vacilaram imolar a vida em prol da verdade científica. Noguchi, Adriano Stokes e outros são exemplos edificantes.

Evocando esses fatos relacionados com o assunto do dia, quero fazer uma comunicação, lembrando, preliminarmente, parte do que disse, na sessão desta Sociedade, em 14 de Outubro de 1932:

“No dia 12 do corrente mês, ás 17 horas, achando-me no corredor da Santa Casa, em frente á 20.^a Enfermaria, notei,

ao longe, na parede, recentemente caiada, um culicídeo que, pela posição de repouso, não me deixou dúvida de que se tratava de uma anofelina.

Em publicações anteriores assinaliei a área do nosso Estado dominada por estes transmissores de parasitos, fazendo a delimitação de duas zonas bem distintas: "anofelismo com malária" em Torres e parte de Conceição do Arroio; e "anofelismo sem gametoforos" em Santo Antonio da Patrulha.

A constatação desses transmissores nos arredores da cidade não seria fáto de surpreender, dados os seus habitos subdomesticos e em face das nossas condições mesologicas que, de todo, não são infensas ao seu desenvolvimento.

De toda fôrma, a presença do parasito envolve questões graves do ponto de vista higiênico e vem demonstrar a possibilidade de vida de espécies do mesmo genero ou próximas, quando menos na zona compreendida entre Porto Alegre e a parte do litoral do nosso Estado assolada, além de outras, endemias, pelo impaludismo.

Vem ainda este fáto, conjuntamente com outras razões técnicas, impôr de maneira inadiavel, a criação entre nós da policia de fôcos."

Identifiquei o artropode capturado como: *Anopheles tarsimaculatus* Goeldi, 1906, fazendo, tambem varias considerações epidemiologicas e parasitologicas.

Era uma constatação que por varias razões de ordem técnica não admitia, evidentemente, optimismos nem tergiversações.

Agora, volto a esta casa para comunicar a presença de anofelina em outra zona, não muito distante do ponto onde encontrei o primeiro exemplar de "*Anopheles tarsimaculatus* Goeldi, 1906, em pleno centro da cidade e com interregno de espaço precisamente de 14 meses.

No dia 24 de Setembro de 1933, em minha residencia, na rua Venancio Aires, 946, encontrei carâteristicamente pousado na parede um exemplar de anofelina que identifiquei como: *Anopheles tarsimaculatus* Goeldi, 1906.

Reclamei naquela epoca a criação, entre nós, da policia de fôcos.

Si a extraordinária quantidade de culicídeos em todos os recantos da cidade, não fosse suficiente para justificar um serviço que ha muito deveria existir, pelo menos na nossa Capital, expunha, como especialista, mais uma razão para não ser lançada ao esquecimento uma das mais imprescindiveis profilaxias — a profilaxia anti-culicidiana.

A orientação higienica naquela epoca obedecia mais ás condições do meio do que aos fatores individuais ou de transmissibilidade, que ora ocupam a principal atenção dos sanitaristas.

A filariose, a sífilis, as doenças venereas, a tuberculose, o tracoma, a lepra, a variola, muitas doenças inféto-contagiosas que amiudadamente nos assaltam, as diversas zooses, os males endemicos rurais, que entre nós são representados principalmente pelo impaludismo, e as poli-vermino-

ses, o primeiro em marcha insidiosa e progressiva na zona norte-litoriana em nosso Estado, e o segundo já em grande endemicidade em varios municipios, reclamam que, antes de atender ás condições estritamente do meio, se volte atenção para as que se referem ao individuo e de modo principal para a luta sistematica e ininterrupta contra os diversos e numerosos transmissores de doenças.

De todas, no caso vertente, a que assume maior interêsse nesta capital, como exemplo de doença transmitida por um culicídeo, é a filariose, pelas proporções que ultimamente tem apresentado.

De fáto, no Instituto Osvaldo Cruz desta Capital, no Laboratorio Fernandez Peña e no meu laboratorio privado, tenho constatado a grande e progressiva distribuição da filaria nas zonas mais diversas da nossa cidade.

Um país que deu os mais belos exemplos de empreendimentos sanitarios, não pôde ficar indiferente, em qualquer recanto que seja, ás grandes conquistas da hygiene moderna.

O corpo medico do Rio Grande do Sul, Estado de diversas e importantes iniciativas, certamente não poupará esforços, junto ás actuais autoridades sanitarias, cuja energia e lúdima orientação moderna convergem para o bem do povo, sob o patrocínio do benemerito governo do Estado.